

Construíndo Coñecemento Agroecolóxico

Cambiando os modelos de consumo para construír
sistemas agroalimentarios sustentables

Simón Fernández, X.; Copena Rodríguez, D; Pérez Neira, D. (2016) /// Editores
Grupo de Investigación en Economía Ecolóxica, Agroecoloxía e Historia. Universidade de Vigo. FCEE. /// Editorial
Ano 2016

01 MANEXO AGROECOLÓXICO DE SISTEMAS

01.7

PORTUGAL BIOLÓGICO: RETRATO DA AGRICULTURA EM MODO DE PRODUÇÃO BIOLÓGICO EM PORTUGAL

Paula Cabo; Alda Matos; António Fernandes e Maria Isabel Ribeiro

[Páx. 88-101]





PORTUGAL *BIOLÓGICO*: RETRATO DA AGRICULTURA EM MODO DE PRODUÇÃO BIOLÓGICO EM PORTUGAL

Paula Cabo¹; Alda Matos²; António Fernandes³ e Maria Isabel Ribeiro³

¹ *Escola Superior Agrária e Centro de Investigação de Montanha, Instituto Politécnico de Bragança, paulacabo@ipb.pt*

² *Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Bragança*

³ *Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico de Bragança e Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro*

Resumo

Esta comunicação visa contribuir para o desenvolvimento da agricultura em *Modo de Produção Biológico – MPB*, em Portugal. O estudo abarca uma análise temporal (1994-2014) e da implementação regional das suas principais produções (vegetal e animal). Em Portugal, a agricultura em MPB está concentrada maioritariamente nas regiões do Alentejo, Beira Interior e Trás-os-Montes, tanto em área como em operadores. De facto, em 2014, localizavam-se nestas regiões mais de 85,5% dos criadores de animais e 66,5% dos produtores agrícolas, correspondendo a aproximadamente 84% da área total dedicada à produção em MPB. No referido ano, a produção agrícola ocupava 228 843 hectares, distribuídos por 3 132 produtores, sobretudo pastagens (151 mil ha/1 100 agricultores) e olival (19 mil ha/1 400 agricultores). A produção animal englobava 1 003 produtores, maioritariamente criadores de bovinos (55% dos operadores/73 mil animais) e de ovinos (33% dos operadores/91 mil animais). Os operadores nacionais em MPB apontam, como principais entraves à expansão do setor, dificuldades na aquisição de fatores de produ-



ção e o custo dos mesmos, e problemas na comercialização, ligadas à reduzida dimensão do mercado, desorganização da oferta e circuitos de comercialização desajustados, bem como, o relativo desconhecimento dos consumidores relativamente ao MPB.

Palavras-chave

Modo de Produção Biológico, Operadores, Área, Efetivo, Constrangimentos.

1 - Introdução

A agricultura em *Modo de Produção Biológico – MPB* constitui uma atividade com elevado potencial, assumindo-se cada vez mais como uma oportunidade para o setor agrícola português. Esta é a tecnologia que mais valoriza a produção agrícola, produzindo produtos diferenciados de elevado valor acrescentado, os quais são alvo de procura crescente e insuficientemente satisfeita. Adicionalmente, tem por base técnicas de produção respeitadoras do ambiente, permitindo, assim, uma gestão sustentável do meio e da paisagem. Desenvolvida segundo estes dois vetores, a agricultura em MPB não tem associado qualquer tipo de externalidades negativas, pelo que constitui um dos principais instrumentos para um desenvolvimento rural sustentável.

A agricultura em MPB em Portugal desenvolveu-se significativamente nas últimas décadas, impelida pelos apoios financeiros da *União Europeia – UE* e pelas condições favoráveis em termos dos preços de mercado. Contudo, a sua implantação no terreno está ainda longe do desejável, evidenciando-se como um subsector com reduzida expressão na economia agrária nacional.

Por outro lado, existe em Portugal um interesse renovado pela agricultura em MPB, fruto da conjugação entre crise económica, a existência de novas gerações com fortes preocupações ambientais e dificuldade em encontrar emprego nas atividades tradicionais, e uma nova Política Agrícola Comum que aposta na promoção da agricultura em MPB¹.

A presente comunicação visa contribuir para o desenvolvimento da agricultura em MPB em Portugal. Para tal, analisa a evolução e implementação regional das suas principais produções (vegetal e animal), no período 1994-2014, com base em múltipla informação estatística, complementada com outras fontes secundárias, nomeadamente, estudos académicos e setoriais relativos a este modo de produção.

2 - A Agricultura em MPB em Portugal

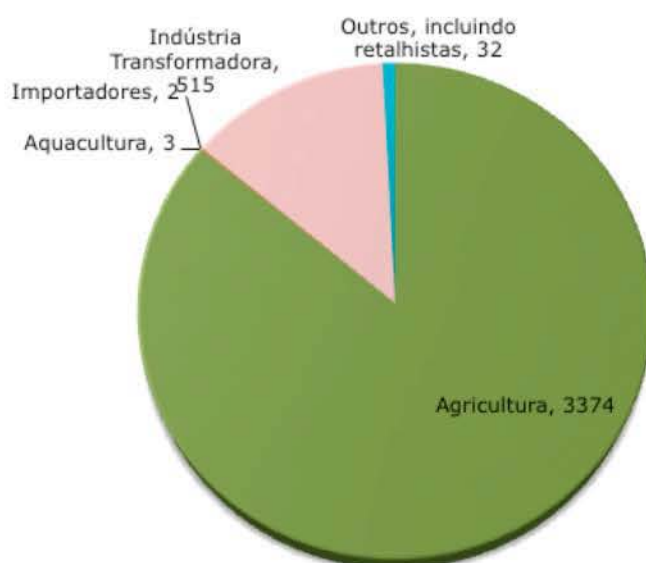
Em Portugal, a agricultura em MPB só começou a ter algum significado nas duas últimas décadas. Até à década de oitenta (do século XX) as produções em MPB restringiam-se a áreas/efetivos reduzidos, sendo a produção de alimentos biológicos maioritariamente

1 Plano de Ação para o futuro da produção biológica na União Europeia (Comissão Europeia, 2014).



desenvolvida por estrangeiros, para autoconsumo, e/ou voltada para a exportação, com destino ao mercado dos seus países de origem (Gonçalves, 2005).

Apesar de existir produção certificada em MPB em Portugal desde 1986, os primeiros registos oficiais datam de 1994, com a aprovação do Reg. *Comunidade Económica Europeia* – CEE n.º 2092/91, direcionado para a produção vegetal e, posteriormente, alargado à produção animal e produtos de origem animal, em 2000, e aos alimentos para animais, em 2003, Reg. (*Comunidade Europeia* – CE) n.º 1804/99 e Reg. (CE) n.º 203/03. Em 2014, existiam 3 926² operadores certificados em MPB (mais 10,5% do que em 2013) distribuídos conforme Figura 1.



Fonte: Elaboração própria com base em DGADR (2016).

Figura 1 – Operadores certificados em MPB, 2014

A evolução da produção em MPB é reflexo de duas forças predominantes, os apoios das medidas agroambientais e a procura dos consumidores (Interbio, 2011). Estes apoios, especialmente a partir de 1997, estiveram na origem do desenvolvimento das culturas em regime extensivo, como o olival, culturas arvenses e frutos secos e, mais tarde, as pastagens, com montantes mais atrativos. A procura dos consumidores foi a principal alavanca no caso das culturas mais intensivas, como a horticultura, a fruticultura e, em menor grau, a vinha.

2.1 - Produção Vegetal

No que respeita ao MPB da produção vegetal, em 2014, existiam 3 132 agricultores certificados, cuja área cultivada (228 843 hectares) representava 6,3% da *Superfície*

² Neste valor incluem-se agricultores que são, em simultâneo, embaladores ou com atividade na indústria transformadora.



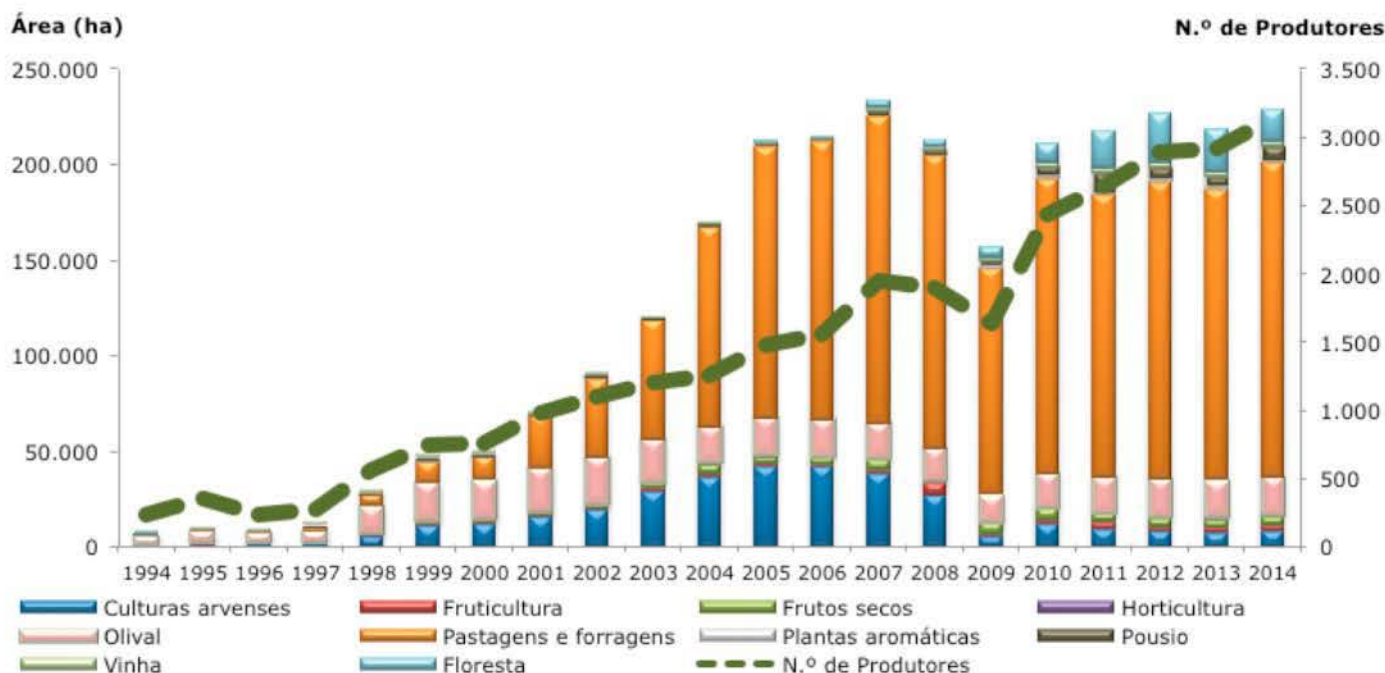
Agrícola Utilizada – SAU nacional, valor ligeiramente acima da média da UE (5,7%). Apesar da maioria dos produtores de agricultura biológica se dedicar à cultura do olival (1 400 de um total de 3 132 produtores), quase 66% da superfície ocupada em MPB destina-se a pastagens para alimentação animal, 6,3% olival, 7% floresta e 6% culturas forrageiras (Tabela 1).

Tabela 1 – Produtores e Área em MPB da produção vegetal, 2014

		Área (ha)	Produtores (n.º)
Culturas herbáceas	Culturas arvenses	8 207	373
	Pastagens	150 824	1 144
	Culturas hortícolas e plantas aromáticas	3 254	1 048
	Culturas forrageiras	13 413	560
	Pousio	7 439	720
	Total	183 137	3 845
Culturas arbóreas e arbustivas	Olival	18 990	1 400
	Fruticultura	2 489	798
	Frutos secos	4 567	725
	Vinha	2 767	560
	Total	28 813	3 483
Floresta		16 892	173

Fonte: Elaboração própria com base em DGADR (2016).

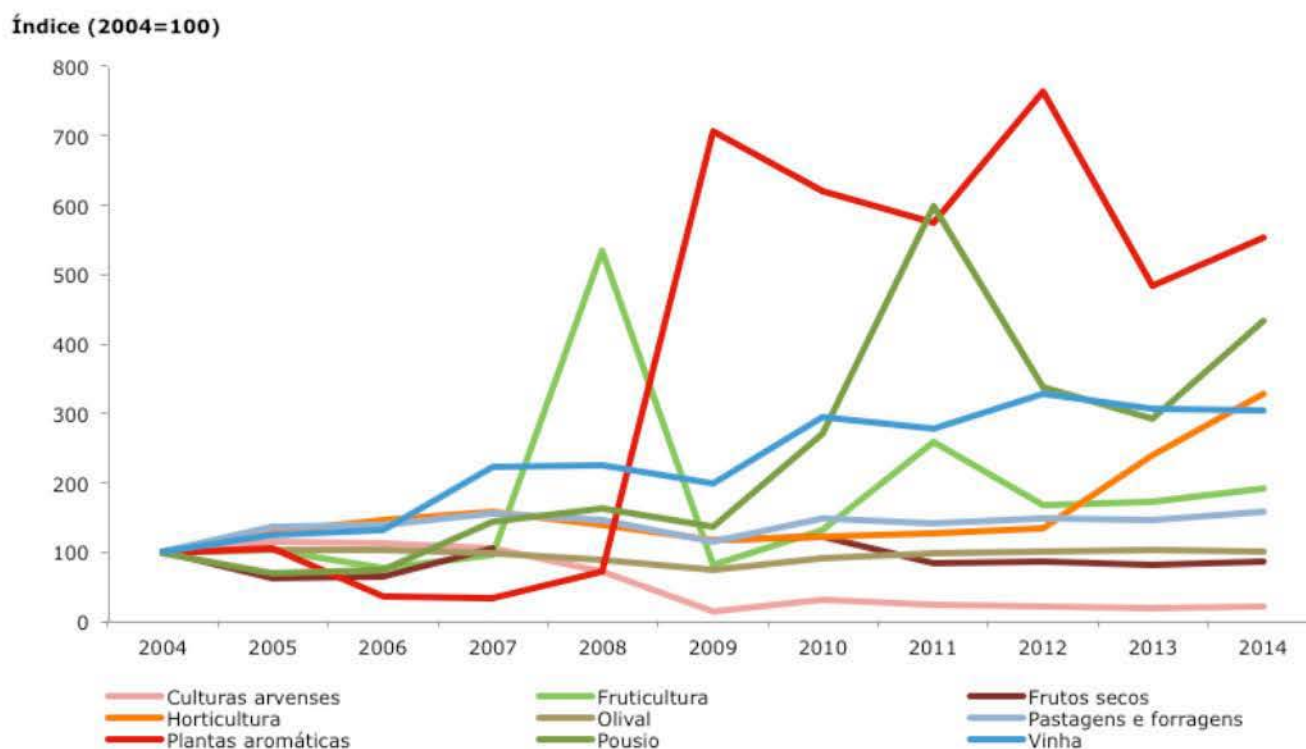
Em termos evolutivos verifica-se que a área em MPB exibiu uma tendência crescente até 2007 (taxa anual média de crescimento de 24,6%, entre 2000 e 2007). As alterações nos montantes das ajudas a partir da campanha de 2007/2008 e a criação de apoios à produção integrada, em culturas como o olival, frutos secos, arvenses de sequeiro, pastagens e forragens, fizeram recuar a área cultivada em 2008-2009 (especialmente das culturas arvenses, pastagens e olivais) tendo esta estabilizado posteriormente. A análise da evolução do MPB da produção vegetal (Figura 2) mostra a importância histórica das pastagens e forragens e do olival, bem como, a relevância crescente da floresta e o decréscimo da área dedicada às culturas arvenses. Quanto à evolução da superfície cultivada por tipo de cultura (Figura 3) destaca-se o grande dinamismo das plantas aromáticas na última década (taxa de crescimento média anual de 18,7%) e da vinha (taxa de crescimento média anual de 11,8%).



Notas: De 1994 a 1996 o valor dos frutos secos está incluído na rúbrica Fruticultura. Dados com base na atividade dos operadores até 2009, posteriormente, consideram-se também os relatórios dos Organismos de Controlo.

Fonte: Elaboração própria com base em DGADR (2016).

Figura 2 - Evolução da área e número de operadores em MPB da produção vegetal, 1994-2014



A **Figura 3** apresenta o índice de crescimento da superfície agrícola das principais culturas em MPB, tendo por base no ano de 2004.

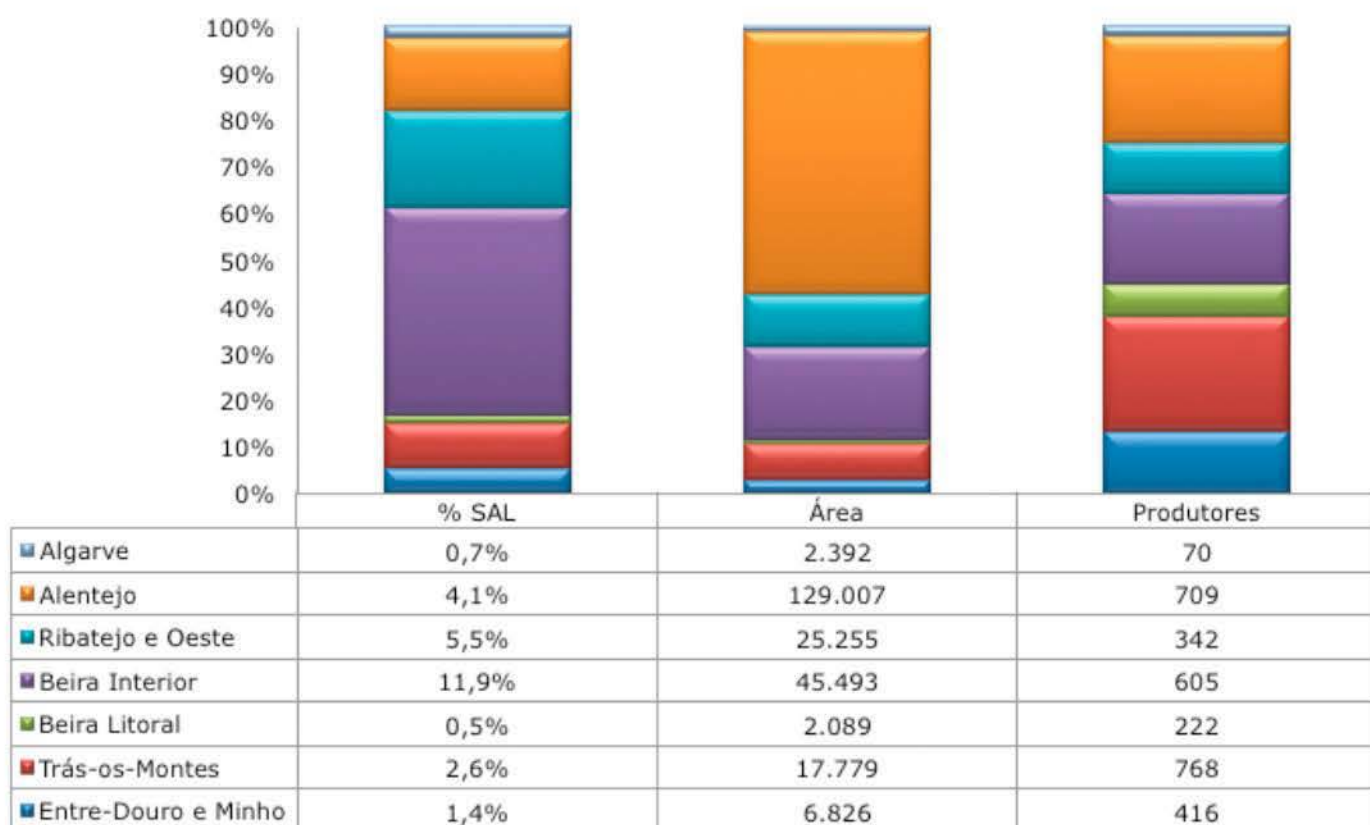


Fonte: Elaboração própria com base em DGADR (2016).

Figura 3 – Evolução da área das principais culturas em MPB da produção vegetal, 2004-2014

Este aumento da área de vinha em MPB é deveras relevante, uma vez que o peso do MPB no total da SAU vitícola é reduzido (em 2014, ocupava apenas 1,55% da SAU vitícola total, enquanto que em outras culturas tradicionais mediterrânicas, como o olival e os frutos secos, o MPB ocupava 5,39% e 6,76%, respetivamente, da SAU total dessas culturas).

Em Portugal, a agricultura em MPB está concentrada nas regiões do Alentejo, Beira Interior e Trás-os-Montes (Figura 4). No conjunto, estas regiões, correspondentes a todo o interior do país³, concentram 66,5% dos operadores e 84% da área.



Nota: Os dados referentes à % SAU são relativos ao ano 2009.

Fonte: Elaboração própria com base em DGADR (2016) e INE (2011).

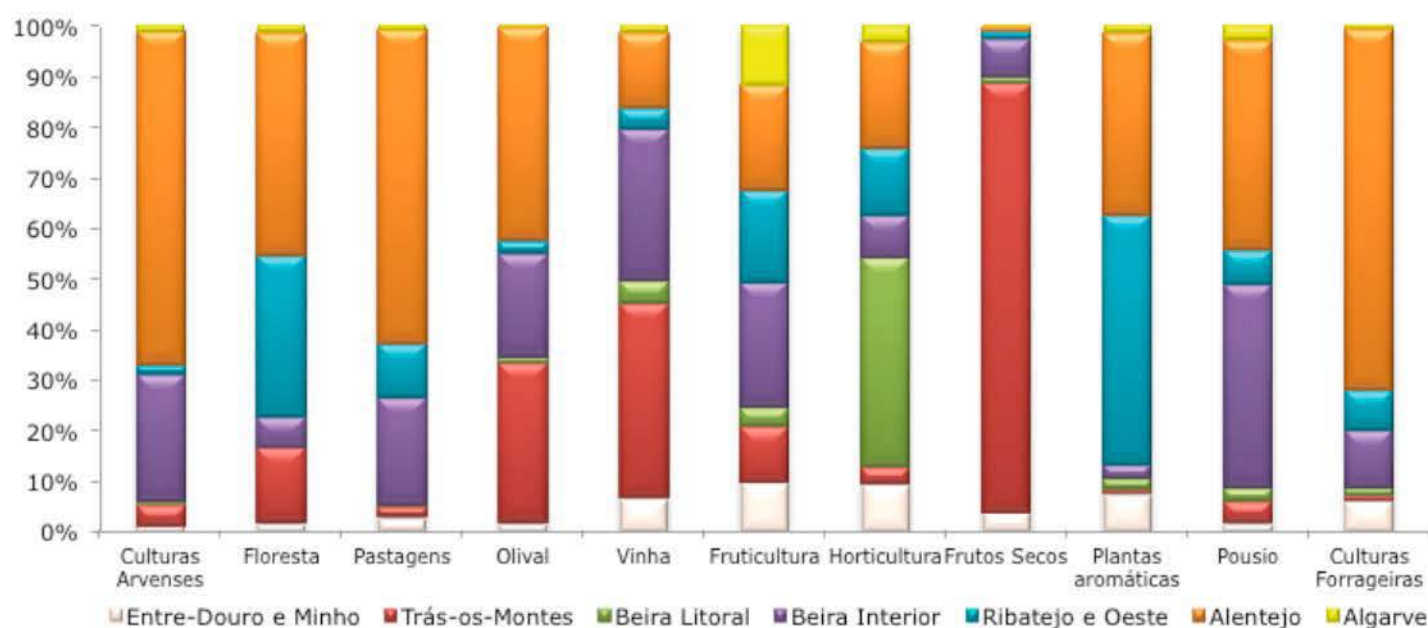
Figura 4 – Repartição Regional do MPB da produção vegetal, 2014

As principais culturas, no Alentejo e Beira Interior, são as pastagens, culturas forrageiras e olival. Em Trás-os-Montes, destaca-se o olival e os frutos secos, sendo ainda nesta região que se localiza a maior área de vinha biológica.

³ Ver a repartição do país em Regiões Agrárias, na Figura A, em Anexo



Por outro lado, a análise da repartição regional da produção vegetal, segundo o tipo de cultura (Figura 5) ilustra a importância da existência de canais de escoamento eficientes e específicos, especialmente no caso da produção de frescos, facilmente perecíveis, como as hortaliças e plantas aromáticas. De facto, as regiões do Ribatejo e Oeste e Beira Litoral detêm o predomínio nestas produções, explorando a vantagem competitiva da proximidade aos grandes centros consumidores de Lisboa e Porto.



Fonte: Elaboração própria com base em DGADR (2016).

Figura 5 – Repartição Regional da Área em MPB da produção vegetal, segundo o tipo de cultura, 2014

Por fim, a análise da evolução do MPB da produção vegetal, por Região Agrária mostra que globalmente todas as regiões apresentam um aumento da área cultivada, durante o período em análise (ver Figura B, em Anexo).

2.2 - Produção Animal

No que respeita à produção pecuária em MPB, em 2014, existiam 1 053 criadores registados, principalmente bovinicultores (55%), ovinicultores (33%) e apicultores (18,5%) (Tabela 2).



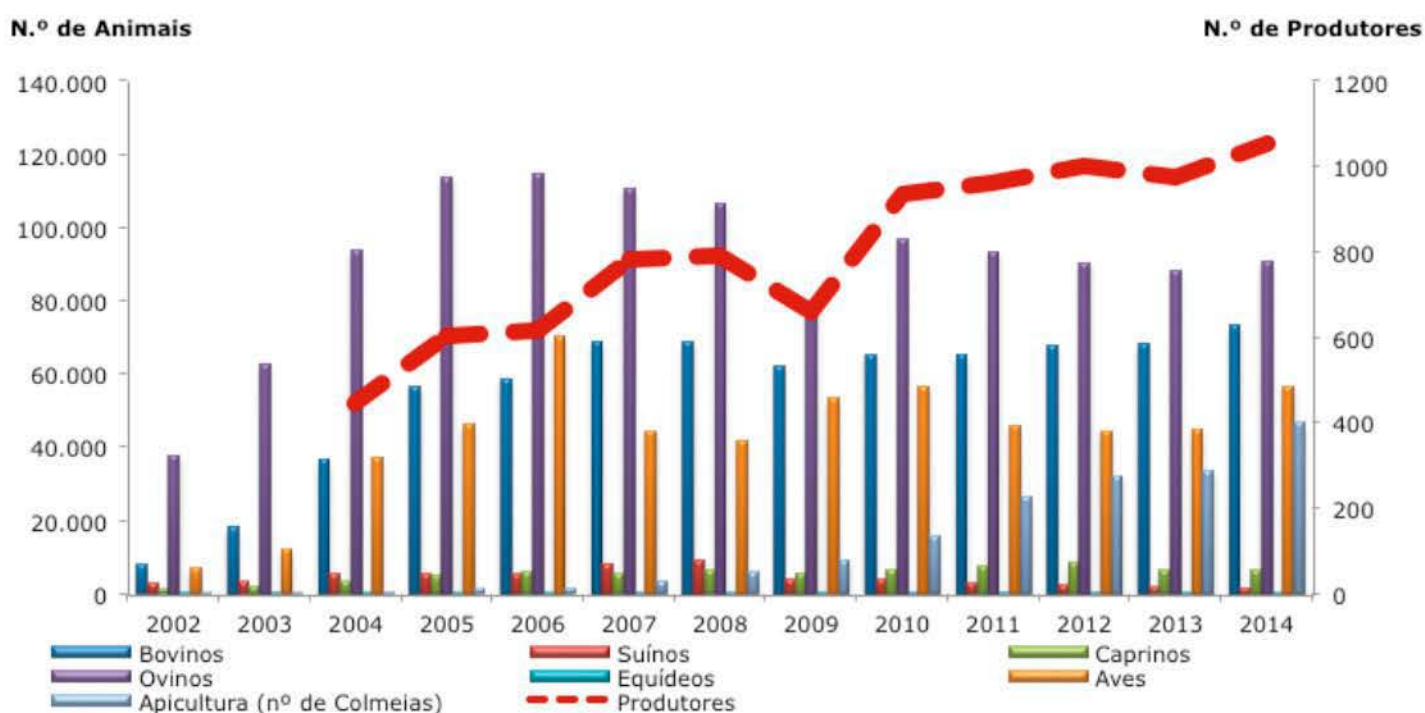
Tabela 2 – Produtores e Efetivos do MPB da produção animal, 2014

Espécies	Produtores		Efetivos
	Número	Percentagem	
Bovinos	579	55,0%	73.359
Suínos	41	3,9%	1.721
Caprinos	77	7,3%	6.554
Ovinos	349	33,1%	91.085
Equídeos	25	2,4%	154
Aves	41	3,9%	56.910
Apicultura	195	18,5%	47.043
Total	1.053	100,0%	

Nota: Os dados do efetivo apícola são relativos ao número de colmeias.

Fonte: Elaboração própria com base em DGADR (2016)

A evolução da produção animal foi globalmente positiva, tanto em termos de criadores certificados como de efetivo (Figura 6).



Notas: Os dados do efetivo apícola são relativos ao número de colmeias. Dados com base na atividade dos operadores até 2009, posteriormente, consideram-se também os relatórios dos Organismos de Controlo.

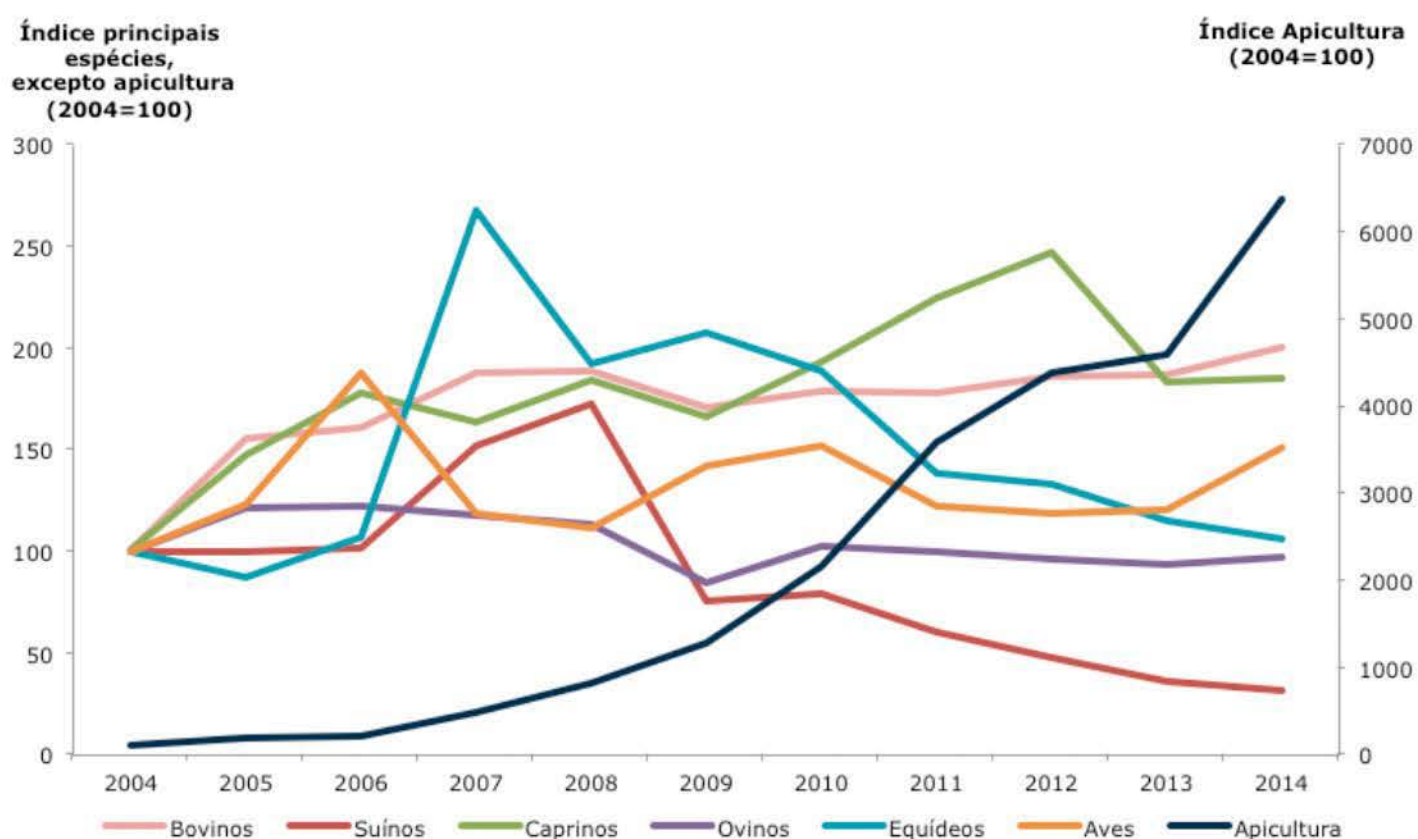
Fonte: Elaboração própria com base em DGADR (2016).

Figura 6 - Evolução do número de operadores e de cabeças do MPB Animal em Portugal Continental de 2002 a 2014



O número de criadores exibiu uma tendência global de crescimento (taxa média anual de 9,0%), apesar da quebra verificada em 2008-2009, tendo estabilizado nos anos mais recentes (taxa média anual de 3%, de 2010-2014). A análise da Figura 6 mostra igualmente o grande dinamismo da apicultura, com uma taxa de crescimento média anual do efetivo de 51,5% no período 2004-2014, bem como, a tendência de decréscimo do efetivo suíno, após 2008. O efetivo bovino e caprino apresentaram igualmente uma tendência global de crescimento (média anual de 7,2% e 6,3%, respetivamente) (Figura 7). Por outro lado, o efetivo avícola, apesar de alguma instabilidade, experimentou uma taxa de crescimento global de 51,5%.

A repartição regional do MPB da produção animal (Figura 8) mostra que estas explorações estão sobretudo concentradas nas regiões do Alentejo, Beira Interior e Trás-os-Montes, onde estão localizados 43,0%, 27,5% e 15% dos criadores, respetivamente

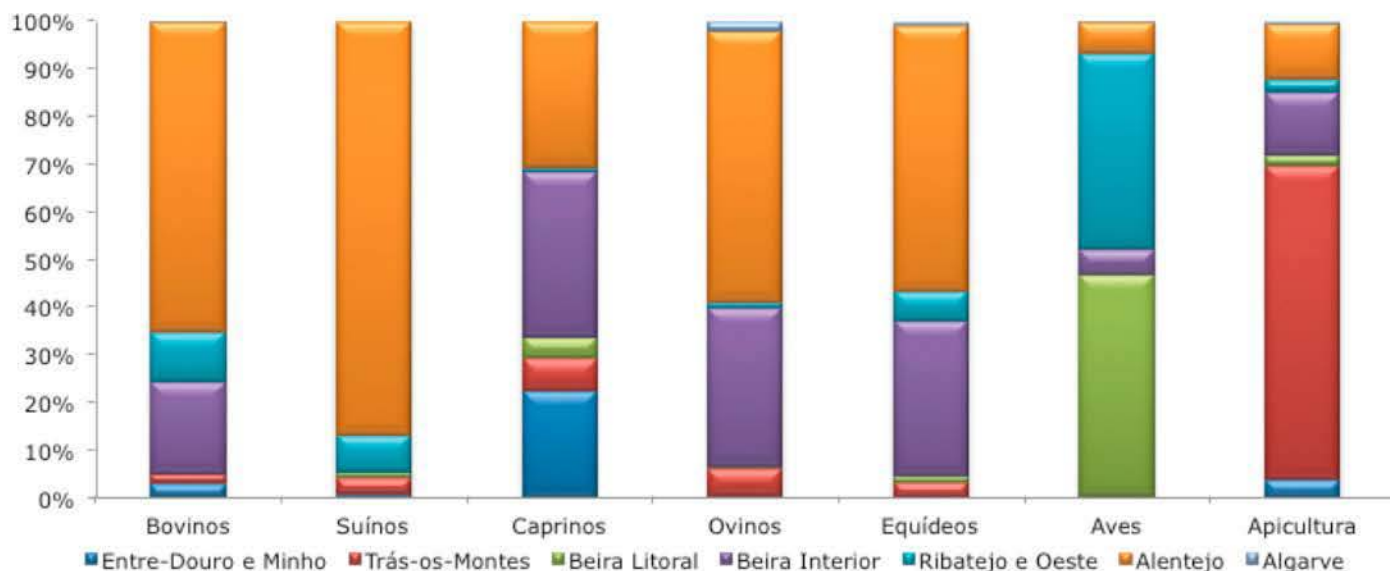


Fonte: Elaboração própria com base em DGADR (2016).

Figura 7 – Evolução da área das principais espécies em MPB da produção animal, 2004-2014



Estas três regiões predominam igualmente no que respeita à distribuição do efetivo segundo a espécie animal, com exceção para o efetivo avícola, como se pode observar na Figura 8.



Fonte: Elaboração própria com base em DGADR (2016)

Figura 8 – Repartição Regional do Efetivo do MPB da produção animal, segundo a espécie animal, 2014

A Figura 8 exhibe o predomínio da região Alentejana, na qual estão situados a maioria do efetivo bovino (65,2%), suíno (86,8%), ovino (56,8%) e equídeo (55,8%), e grande parte do efetivo caprino (30,6%). A Beira interior possui a maioria do efetivo caprino (34,5%) e grande parte do efetivo bovino (19,3%), ovino (33,3%), equídeo (32,5%) e apícola (13,2%). Trás-os-Montes detém a maioria do efetivo apícola (65,8%) e nas regiões costeiras da Beira Litoral e Ribatejo e Oeste predomina a criação de aves, com 46,4% e 41,1% do efetivo, respetivamente.

3 – Constrangimentos ao desenvolvimento do setor

Atualmente, a produção em MPB está presente nas principais redes de retalho alimentar e generalizou-se nos formatos especializados, como lojas de produtos saudáveis, naturais, gourmet e mercados de rua. Contudo, há ainda muito a fazer pelo desenvolvimento desta atividade, especialmente a nível de mercado, sendo que grau de penetração destes produtos é ainda reduzido. De facto, em 2014, Portugal era responsável por 2,23% da área de cultivo em MPB da UE, porém, detinha uma quota de apenas 0,9% do mercado europeu de produtos biológicos, com as vendas destes produtos a gerar receitas na or-



dem dos 21 milhões de euros anuais⁴ (FiBL, 2016). Tanto mais que, a quota no mercado interno de produtos biológicos é a mais baixa da UE, detendo apenas 0,2%⁵ do mercado nacional, devido ao baixo consumo *per capita* de produtos biológicos, de apenas 2€, quando o consumo *per capita* na UE, em 2014, era de 47,6€⁶ (FiBL, 2016). Assim, afigura-se como essencial a identificação dos principais constrangimentos ao desenvolvimento da atividade, por forma a compreender esta realidade, e apontar estratégias para potenciar o futuro da mesma.

Embora existam entraves à expansão deste modo de produção específicos a algumas das atividades produtivas, de uma forma geral, os operadores nacionais em MPB apontam dificuldades a nível da produção e comercialização como os principais estrangulamentos à sua expansão.

De facto, estes produtores lutam com dificuldades em adquirir fatores de produção homologados para agricultura biológica, e com o preço elevado dos mesmos (Barrote, s/d; Cabo *et al.*, 2013, 2014). Este é um problema recorrente. A procura do mercado está subdimensionada, devido ao reduzido número de produtores em MPB, não sendo rentável, para as empresas comerciais, o desenvolvimento de fitofármacos adequados para agricultura biológica. Por outro lado, esta escassez da oferta a montante desmotiva a entrada de novos operadores na atividade. Além disso, a agricultura em MPB baseia-se essencialmente na ação preventiva, pelo que necessita de uma maior monitorização dos produtores, logo, o emprego de mão-de-obra é mais elevado (Barrote, s/d; Cabo *et al.*, 2013, 2014), inflacionando, deste modo, o custo de produção.

A comercialização da produção pode definir o sucesso ou o fracasso de um negócio. Este é o principal constrangimento à expansão da produção em MPB, dado que o mercado de produtos biológicos é, como já referido, ainda reduzido. A oferta é escassa, dispersa e não garante regularidade no abastecimento, devido à reduzida dimensão das explorações e à falta de organização na produção (Barrote, s/d; Cabo *et al.*, 2013, 2014). Também, a escassez de canais de comercialização especializados para produtos biológicos e a distância aos principais centros consumidores inibe os produtores, sobretudo, no caso dos frescos (Barrote, s/d). Por fim, os preços elevados ao consumidor não se refletem nos preços ao produtor e tornam a produção biológica acessível apenas a uma minoria da população, o que, a acumular com a recessão económica e o desconhecimento dos consumidores sobre as mais-valias da produção biológica, retrai o crescimento do consumo (Barrote, s/d; Cabo *et al.*, 2013, 2014; Mourão, 2007; Ribeiro *et al.*, 2014; Simões *et al.*, 2008).

É contudo possível destacar casos de sucesso capazes de quebrar este ciclo em que se enreda a produção agrícola, apostando no associativismo para ganhar escala (Cabo *et al.*, 2013, 2014), estabelecendo canais de distribuição próprios (Barrote, s/d), e adotando

4 Na Europa este negócio está avaliado em 26,2 mil milhões de euros e a Alemanha é o maior produtor, com cerca de 1/3 das vendas, seguido da França, Reino Unido e Itália (FiBL, 2016).

5 A nível europeu, as quotas de mercado mais elevadas situam-se na Dinamarca (7,5%), Suíça (7,1%) e Áustria (6,5%).

6 O Luxemburgo é o maior consumidor per capita (163,7€), seguido da Dinamarca (162,1€) e Suécia (145,4€).



estratégias de diferenciação, quer através do desenvolvimento da gama de produtos, quer da dupla certificação, como é o caso do *Mel de Montesinho*, com selo MPB e Denominação de Origem Protegida.

De resto, a apicultura em MPB é um exemplo de sucesso a nível nacional, sendo que a forte implantação regional das organizações de apicultores, proporcionando apoio técnico e na comercialização dos produtos apícolas, tem sido determinante para este êxito. Adicionalmente, sendo a apicultura uma atividade fortemente dependente do meio envolvente, cuja produção é condicionada pelo tipo de sistemas de produção agro-florestal locais, é um excelente exemplo da necessidade da aplicação de uma visão holística, por forma a potenciar o desenvolvimento do MPB.

4 – Considerações finais

A evolução do MPB em Portugal ilustra um cenário similar aos restantes países da UE, embora em menor escala e com um atraso significativo. A agricultura em MPB começou a florescer na década de noventa, com a área e número de agricultores, a exibirem taxas médias anuais de crescimento de 20% e 40%, respetivamente. Todavia, dados recentes mostram que o MPB perdeu ímpeto, estando altamente dependente das políticas de apoio financeiro nacionais e da UE. As dificuldades de aquisição e o custo dos fatores de produção, bem como, a reduzida dimensão do mercado, o elevado preço ao consumidor e o desconhecimento dos consumidores sobre as vantagens do MPB, são os principais entraves à expansão deste subsetor. A fim de ultrapassar a barreira do preço e tornar a produção biológica mais acessível aos consumidores, é necessário organizar a produção e alcançar dimensão crítica (mais produtores e área), bem como, promover o consumo, investindo na consciencialização dos consumidores sobre os benefícios destes alimentos. Por fim, realça-se a necessidade da aplicação de uma visão holística por forma a potenciar o desenvolvimento do MPB.

Referências

- Barrote, I. (s/d). *Agricultura Biológica – Caracterização da Produção na Região*. Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte, Mirandela.
- Cabo, P., Dias, L. G., Vilas Boas, M. e Gomes, M. (2013). "A Apicultura em Modo de Produção Biológico: Identificação dos Principiais Entraves à sua Expansão". *Alimentar Mentalidades, Vencer a Crise Global – Atas do ESADR 2013*, Évora.
- Cabo, P., Dias, L. G., Vilas Boas, M. e Gomes, M. (2014). "Apicultura em modo de produção biológico em Portugal: evolução, situação atual e futuro". In V Congreso Internacional de Agroecología e Agricultura Ecológica e Fernández, X.; Rodriguez, D. (Coord.) *Propostas agroecológicas ao industrialismo. Recursos compartidos e respostas colectivas*, Vigo.



- Comissão Europeia (2014). *Plano de Ação para o futuro da produção biológica na União Europeia*. Comissão Europeia, Bruxelas, http://ec.europa.eu/agriculture/organic/documents/eu-policy/european-action-plan/act_pt.pdf

- DGADR (2016). *Modo de Produção Biológico - Produção e operadores*. Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural, Ministério da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território, <http://www.dgadr.mamaot.pt/sustentavel/modo-de-producao-biologico>.

- FiBL (2014). *Organic in Europe, Prospects and Developments*. Stephen Meredith and Helga Willer (ed.), Research Institute of Organic Agriculture, Frick, e International Federation of Organic Agriculture Movements (IFOAM EU Group), Bruxelas.

- FiBL (2016). *Organic in Europe, Prospects and Developments 2016*. Stephen Meredith and Helga Willer (ed.), Research Institute of Organic Agriculture, Frick, e International Federation of Organic Agriculture Movements (IFOAM EU Group), Bruxelas.

- Gonçalves, S. (2005). *A Agricultura Biológica em Portugal: (d)as problemáticas e (a)os problemas*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto.

- INE (2011). *Recenseamento Agrícola 2009*. Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

- Interbio (2011). *Política Nacional para a Agricultura Biológica*. Associação Interprofissional para a Agricultura Biológica.

- Mourão, I. (2007). "O modo de produção biológico". In *Manual de Horticultura no Modo de Produção Biológico*. Isabel Mourão (Ed.). Ponte de Lima.

- Ribeiro, M.; Fernandes, A.; Cabo, P.; Matos, A. (2014). "Perfil, conhecimento e hábitos de consumo de azeite biológico na cidade de Bragança, Portugal". In V Congresso Internacional de Agroecoloxía e Agricultura Ecolóxica e Fernández, X.; Rodríguez, D. (Coord.) *Propostas agroecoloxicas ao industrialismo. Recursos compartidos e respostas colectivas*, Vigo.

- Simões, O., Moreira, J. e I Dinis, I. (2008). "Variedades regionais de maçãs e peras. Estarão os consumidores interessados?" In *Variedades Regionais e Agricultura Biológica, Desafios para peras e maçãs portuguesas*. Orlando Simões, Arminda Lopes e Jorge Ferreira (coordenadores), Coimbra.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por: Fundos Europeus Estruturais e de Investimento, na sua componente FEDER, através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (COMPETE 2020) [Projeto nº 006971 (UID/SOC/04011)]; e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/SOC/04011/2013.

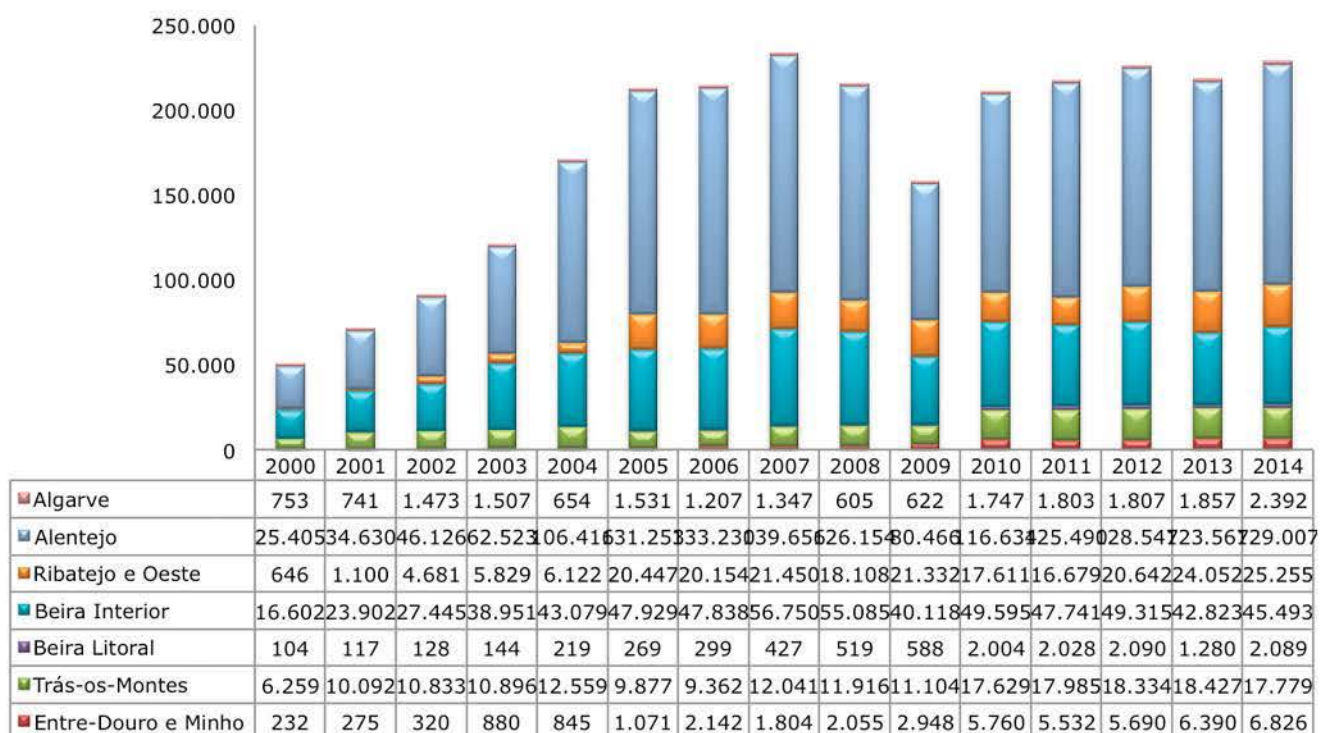


Anexos



Fonte: Adaptado de DGADR (2016)

Figura A – Regiões Agrárias de Portugal



Fonte: Elaboração própria com base em DGADR (2016).

Figura B – Evolução do MPB das Produções Vegetais, por Região Agrária, 2000-2014